

Neusa Santos Souza, uma intelectual da afirmação

WILLIAM PEREIRA PENNA*

Quando Maria Theresa da Costa Barros me convidou para fazer um texto em homenagem a Neusa Santos Souza, aceitei com muita alegria. Ao mesmo tempo, me perguntei como fazer uma homenagem que não seja apenas celebratória e que consiga agregar algo além do que eu já pude escrever e transmitir a partir do meu encontro com a vida e a obra de Neusa Santos Souza.

Lembrei de quando li pela primeira vez o *Tornar-se Negro*, sob indicação de uma integrante do Coletivo de Estudantes Negros Carolina de Jesus da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o impacto enorme que ele me causou.

Mas também me fez lembrar de toda a minha trajetória de estudo de sua vida e obra que, a partir da minha entrada na primeira turma de cotistas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, se tornou o centro das minhas pesquisas de mestrado, doutorado e demais produções e preocupações em conjunto com os Laboratórios Kitembo e Oralidades desse mesmo programa. Laboratórios estes engajados na construção de uma universidade pública e de uma psicologia aterradas na realidade brasileira e principalmente, uma articulada à luta dos movimentos negros e indígenas em seus saberes e fazeres.

É a partir desses lugares que me encontro com Neusa Santos Souza. Ela é, sem dúvidas, a intelectual mais importante da minha formação e da mi-

* Kambondo do Kupapa Unsaba - Bate Folha do Rio de Janeiro. Psicólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua como psicólogo clínico e é integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Interseccionais da Linguagem e do Desenvolvimento Humano (LALIDH- Oralidades/UFF).

nha vida, não só pelo tempo dedicado ao estudo de sua vida e obra, mas também pela transformação que ela ocasionou em mim.

Durante o mestrado, quando não se tinha nenhuma pesquisa sobre a sua trajetória e não se sabia quase nada sobre a sua vida, visitei algumas escolas de psicanálise do Rio de Janeiro em busca de seus artigos e entrevistas. E foi com muito prazer que pude encontrar, quase esquecida na biblioteca do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, a entrevista “Só e Bem Acompanhada” que ela concedeu a Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Resende Cardoso. Um achado espetacular, pois só tínhamos acesso a Neusa falando de si através da entrevista que concedeu a Lázaro Ramos em seu programa Espelho.

De lá para cá, algumas coisas mudaram na recepção e dimensionamento da importância de Neusa Santos Souza nas práticas psi¹ e no movimento negro. É muito interessante notar o interesse sobre a vida e obra de Neusa Santos Souza crescer, embora ainda tenha muito para melhorar. Falo isso não pelo ressentimento de me ater a um o que “deveria ser” idealizado, mas por entender que o interesse na obra de Neusa Santos Souza funciona como um dos termômetros do avanço das discussões sobre o racismo e seus impactos nas práticas psi ‘s. Digo isso porque, ao lado de Virgínia Bicudo, o trabalho de Neusa continua incontornável no campo.

Na minha dissertação *Escrevivências das Memórias de Neusa Santos Souza: Apagamentos e lembranças negras nas práticas psi’s* (2019), afirmei que o trabalho com a vida e obra de Neusa tinha deixado de ser um trabalho sobre uma figura importante da história da psicanálise, psiquiatria e dos movimentos negros, para se tornar um trabalho de reconstruir as memórias de uma ancestral – o que continuo a afirmar até hoje.

No que diz respeito a essa busca, fui entendendo um pouco mais sobre o que é esse chamado ancestral para mim. De acordo com Tiganá Santana, uma das principais referências no estudo da obra do congolês Bunseki Fu Kiau, a ancestralidade não está presa no passado:

1. Por práticas psi’s estou nomeando os campos da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria no Brasil.

É importante destacar, aqui, que, de acordo com o que interpretamos da cultura bantu-kongo, à luz do que nos indica Bunseki Fu-Kiau, em sua obra, de modo geral, a ancestralidade não é algo pretérito, encerrado num passado com marcos temporais definitivos. Ela é sempre atualizada por uma ideia de origem, à qual se deve referir um(a) mukongo (pessoa kongo), uma vez dado o sentido (necessariamente, coletivo) a sua própria vida (SANTOS, 2019, p. 154).

Assim, entendo que homenagear Neusa Santos Souza é valorizar e retomar a sua influência no hoje, o seu poder de impactar coletivamente a vida de muitos de nós aqui. No meu caso, principalmente o seu trabalho originário e extremamente pertinente até os dias atuais com os distintos processos de tornar-se negras e negros. E também com a reverberação desta militância na construção de uma psicologia, psicanálise e psiquiatrias atentas aos sofrimentos e potencialidades específicas do povo negro no Brasil.

Para homenageá-la, sinto que um bom caminho é retomar a sua própria escrita e suas falas, não em um sentido objetificante, mas no sentido do diálogo profundo e respeitoso com elas. A sua entrevista ao Programa *Espelho* chamou muita atenção na retomada de sua obra, talvez pelo formato em vídeo e pela grande controvérsia que ela produziu². Mas me parece que a entrevista que ela concede ao *Cadernos de Psicanálise* possa nos trazer pistas importantes da carreira e da vida de Neusa Santos Souza.

Só e Bem Acompanhada: A construção de um percurso singular.

É curioso que Neusa Santos Souza tenha dado uma entrevista que tenha sido publicada com esse título. Em um momento em que as discussões acerca da solidão da mulher negra ganham uma presença muito firme nos movimentos negros, é quase inevitável nos perguntarmos se existe alguma relação entre estas solidões.

2. Para mais informações sobre essa controvérsia, conferir a própria entrevista no Youtube, além da minha dissertação *Escrevivências das Memórias de Neusa Santos Souza: Apagamentos e lembranças negras nas práticas psi's* (2019) e a tese de Luiza Nasciutti *Tornar-se Neusa: Raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza* (2024).

De acordo com Ana Cláudia Lemos Pacheco, em seu livro *Mulher Negra: Afetividade e Solidão* (2013), a solidão da mulher negra se dá como uma resultante de construções sociais racistas e machistas que faz com que estas mulheres não sejam hegemonicamente vistas enquanto dignas de amor e de serem escolhidas enquanto parceiras afetivas.

No entanto, nesta entrevista o sentido da solidão que Neusa afirma não está relacionado ao fato de não ser escolhida ou de não ter possibilidades de escolher no “mercado” afetivo-sexual. O estar só – e bem acompanhada – tem a ver com uma afirmação de uma “constelação de acasos” que ela experimentou e que se materializa em uma independência das instituições e em um modo de afirmar a sua carreira enquanto psicanalista que não está submetida a elas. Neste caso em particular, a sua relação com as instituições de psicanálise parece ter sido muito mais de um convite frequente e variado de diversas pessoas que compõem estes espaços para que ela cedesse a essa posição de não filiação em nenhuma escola. Ela foi muito convidada, participou de muitas ocasiões, mas não cedeu a essa pressão de se filiar a essas instituições.

É interessante que as duas entrevistas que temos de Neusa Santos Souza se dão em condições bem distintas: a) aconteceram em momentos diferentes, uma em 1990 e a outra em 2008; b) têm temáticas variadas, em uma a sua vinculação com as instituições psicanalíticas e em outra a sua obra *Tornar-se Negro*; c) tem interlocutores distintos; na primeira, psicanalistas (imagino que, em sua maioria, brancas) e na segunda o ator Lázaro Ramos e a jornalista Sandra Almada, ambos negros; d) e formatos diferentes: na primeira, uma entrevista transcrita em texto e vinculada no *Cadernos de Psicanálise* e na segunda uma entrevista em vídeo, veiculada no *Programa Espelho* no Canal Futura.

Apesar de todas essas diferenciações, as entrevistas se dão em um movimento muito parecido: as entrevistadoras e o entrevistador vão tentando conduzir a conversa para um ponto específico e Neusa Santos Souza vai reafirmando ao longo de toda a sua fala – e com argumentos variados – a irredutibilidade da sua posição. Inconformadas, as pessoas que a entrevistam persistem e tentam fazer Neusa ceder. Ela então resiste e reitera a sua posição até o final.

Podemos ler isso como uma teimosia ou uma dificuldade de repensar o que se diz por parte de Neusa Santos Souza, mas acredito que o que está em jogo é um outro exercício: o da persistência de uma perspectiva filosófica e de um modo de vida. Como ela nos diz: “o que precisa ficar bem claro é que estou contando qual é o meu percurso, afirmando-o, e não sendo contra um percurso que não é o meu. *Eu parto de uma posição afirmativa da vida. Eu sou a favor de alguma coisa, não contra outra*” (SOUZA, 1990, p. 44). [grifos meus].

Esta afirmação não se constituiu enquanto uma recusa a participar de momentos particulares destas instituições, mas sim enquanto uma construção de uma “vinculação evanescente e pontual” onde, como professora visitante, ela participava de alguns momentos específicos.

Essa busca de Neusa Santos Souza reflete também um desejo de construção de um trabalho artesanal em psicanálise:

Neusa: (...) Cada vez mais eu quero uma coisa menor. Não tenho nenhuma simpatia pelos projetos faraônicos, essa ambição imperial. Quero cada vez mais essa coisa artesanal, de um por um, de meia dúzia.

Adriana: Você acha que a transmissão da Psicanálise, como o trabalho que se faz no consultório, também devia ser artesanal?

Neusa: Eu acho que é mais coerente com o que fazemos... Essa dimensão tão solitária que é a dimensão do analista em seu trabalho, será que ela se casa bem com essa coisa de psicologia de massas que as instituições por estrutura provocam?

Inês: Mas será que não é exatamente por isso, não será essa dimensão que pede a troca?

Neusa: Mas não seria isto a falência da radicalidade da posição do analista? Ceder sua solidão, ceder na dimensão da singularidade. Por que partir para massificação?

Inês: ... mas há um nível de troca que é necessário.

Neusa: ... sem dúvida. Como diz um amigo meu: “Você é sozinha mas anda sempre bem acompanhada” (risos). A alternativa para a psicologia de massas não é o isolamento (SOUZA, 1990, p. 49).

É na defesa desse fazer que a entrevista vai se desenrolar. Em outro momento, Neusa comenta, quando confrontada com a ideia de que deveria dizer que as suas escolhas teóricas são melhores que as de outras pessoas, que:

Não. Por que eu vou ter que comparar? A minha posição é uma posição afirmativa na vida onde não necessariamente para se afirmar como bom tem que se dizer que o outro é ruim. Eu aprendi isso com Nietzsche. Para ele, só uma moral de escravos exige uma negação para vir a se produzir uma afirmação. Só escravos é que precisam negar o mestre para vir a afirmar, de segunda mão, alguma coisa (SOUZA, 1990, p. 48).

Está atestada a influência de Nietzsche em seu pensamento afirmativo. Mas também uma saída inteligente de um lugar que poderia ser interpretado como de oposição às instituições psicanalíticas – o que, evidentemente, não se constituía enquanto um interesse de Neusa Santos Souza.

Mas a perspectiva afirmativa de seu trabalho não se reduz à forma de conduzir a sua carreira enquanto psicanalista. Gostaria de retomar a carta que Neusa Santos Souza escreve para o Correio da Baixada e ver como esse aspecto se apresenta nesse documento.

“Contra o racismo: com muito orgulho e amor”

Depois da publicação de *Tornar-se Negro*, esta carta é o documento onde Neusa Santos Souza retoma em sua escrita de forma frontal a temática do racismo. No dia 13 de maio de 2008³ ela começa a carta da seguinte maneira:

3. Hoje em dia o Movimento Negro luta para que o foco da memória da luta contra a escravidão seja estabelecido no dia 20 de novembro em homenagem a Zumbi dos Palmares e à luta quilombola. Evitando assim, discursos paternalistas que colocam a Princesa Isabel como grande libertadora benevolente dos escravizados. A instauração desta data tem um percurso que começa em 1971 onde encontros de intelectuais e militantes negros do Rio Grande do Sul – dentre eles, Oliveira Silveira, Vilmar Nunes, Ilmo da Silva e Antônio Carlos Côrtes fundam o Grupo Palmares. Passa por uma expansão na inauguração do Movimento Negro Unificado e vai ganhando popularidade nos movimentos negros até ser instituída enquanto Dia da Consciência Negra no calendário escolar em 2003. Em 2024,

Comemoramos hoje 120 anos de abolição da escravatura negra no Brasil. Abolição da escravidão quer dizer aqui fim de um sistema cruel e injusto que trata os negros como coisa, objeto de compra e venda, negócio lucrativo para servir à ambição sem fim dos poderosos. Abolição da escravatura quer dizer aqui fim da humilhação, do desrespeito, da injustiça. Abolição da escravatura quer dizer libertação.

Mas será que acabamos mesmo com a injustiça, com a humilhação e com o desrespeito com que o conjunto da sociedade brasileira ainda nos trata? Será que acabamos com a falta de amor-próprio que nos foi transmitida desde muito cedo nas nossas vidas? Será que já nos libertamos do sentimento de que somos menores, cidadãos de segunda categoria? Será que gostamos mesmo da nossa pele, do nosso cabelo, do nosso nariz, da nossa boca, do nosso corpo, do nosso jeito de ser? Será que nesses 120 de abolição conquistamos o direito de entrar e sair dos lugares como qualquer cidadão digno que somos? Ou estamos quase sempre preocupados com o olhar de desconfiança e reprovação que vem dos outros? (SOUZA, 2008).

Neusa Santos Souza faz perguntas precisas, sensíveis e importantes. Esses questionamentos – extremamente atuais – remetem ao tema da falsidade da abolição. Pela forma pela qual foi conduzida, onde não se constituiu nenhuma reparação nem possibilidade para que os recém-libertos pudessem constituir uma vida digna, constata-se que com a abolição da escravidão têm-se algumas poucas mudanças, mas também muitas continuidades na dinâmica da opressão racial em nosso país.

O Brasil ainda é um país extremamente desigual e racista. E estas continuidades constituem nosso jeito de nos relacionarmos com os outros e com nós mesmos. Elas afetam o amor-próprio das pessoas negras, mas também a manutenção dos privilégios das pessoas brancas e a desconfiança, reprovação e violência destas para conosco.

depois de anos de pressão e acúmulo dos movimentos negros, a data se torna feriado nacional. Até então, alguns poucos municípios adotavam esta data. No entanto, o dia 13 de maio continua a ser lembrado até hoje, sendo a proposta não de um esquecimento da data, mas de mudança de foco e de afirmação das lutas negras no passado e no presente. Para mais informações, conferir: <<https://www.geledes.org.br/grupo-que-idealizou-o-dia-da-consciencia-negra-teve-de-dar-explicacoes-ditadura/>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

É interessante o quanto a análise de Neusa Santos Souza articula, assim como no livro *Tornar-se Negro*, as dimensões políticas e sociais com os efeitos psíquicos do racismo. Se libertar do sentimento de ser menor que os brancos é se libertar também da situação de sermos cidadãos de segunda categoria. A perspectiva fanoniana é ainda chave para entender a nossa libertação:

O negro deve conduzir sua luta em dois planos: uma vez que, historicamente, ele se condicionou, toda liberação unilateral seria imperfeita, mas o pior erro seria acreditar em uma dependência automática. (...) De uma vez por todas, a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo, uma solução deve ser encontrada.

E é inútil vir com ares de *mea culpa*, proclamando que o que importa é salvar a alma.

Só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares (FANON, 2008, p. 28-29).

É evidente que Neusa mantém a sua concepção política. Tornar-se negro é uma conquista, uma construção que passa necessariamente pela militância e pela reconstrução da história. E ela continua:

Cento e vinte anos de abolição quer dizer 120 de luta dos negros que, no Brasil, dia a dia, convivem com o preconceito e a discriminação racial. 120 de abolição quer dizer 120 de luta contra o racismo desse país que é nosso e que ajudamos a construir: não só com o trabalho, mas, sobretudo, com a cultura transmitida por nossos ancestrais e transformada e enriquecida por cada um de nós. 120 de abolição quer dizer 120 anos de luta contra todos os setores da sociedade e da vida cotidiana: nos espaços públicos e nos espaços privados; na Câmara, no Senado, nos sindicatos, no local de trabalho, nas escolas, nas universidades, no campo, na praça e em nossas casas. 120 de abolição quer dizer 120 de luta contra qualquer lugar em que houver um negro que ainda sofra preconceito e discriminação raciais (SOUZA, 2008).

A luta contra o racismo não é individual. E a noção de cultura e ancestralidade que

Neusa evoca é uma concepção afirmativa e vitalista. Nós recebemos e também contribuimos para o enriquecimento dessa cultura e ancestralidade. Não são concepções fechadas que devemos aceitar acriticamente.

Novamente, a retomada da luta contra o racismo tem de ser coletiva e em qualquer lugar onde houver uma pessoa negra sofrendo discriminação racial. Não é um exercício individualista em busca de uma representatividade vazia, como se fosse um objetivo nela mesma.

Nesses 120 anos, tivemos muitas vitórias, conquistamos muitas coisas, especialmente um amor por nós mesmos, uma alegria, um orgulho de sermos o que somos: brasileiros negros (...).

Nesses 120 anos tivemos muitas conquistas e temos muito mais a conquistar. Nesses 120 anos vencemos muitas batalhas e temos muito mais a batalhar. Nesses 120 anos comemoramos muitas vitórias e temos muito mais a comemorar. A escravidão acabou, mas a nossa luta continua! (SOUZA, 2008).

Mais uma vez, a perspectiva afirmativa de Neusa Santos Souza se faz presente. Ela reconhece as dificuldades, mas também os avanços e a necessidade de que conquistemos outras vitórias para que tenhamos outras comemorações.

A afirmação da luta contra o racismo não está somente na acusação do que fizeram e fazem com a gente, mas também com a busca da afirmação do nosso amor-próprio, da nossa ancestralidade e cultura, da nossa coletividade e também na possibilidade de efetuarmos transformações materiais e concretas para que afirmemos cada vez mais a nossa alegria.

As afirmações de Neusa Santos Souza

A partir da minha caminhada de estudo de sua obra – que começou no mestrado e continuou no meu doutorado *Escrevivências das Construções de Identidades Negras: Por um fazer aterrado em Psicologia* (2024) – pude chegar a uma conclusão. Apesar de Neusa Santos Souza ter mudado o foco de seus estudos da questão racial para a clínica das psicoses, sua atuação e suas obras

expressam uma continuidade evidente: a irredutibilidade de Neusa Santos Souza em buscar uma teoria e uma prática da afirmação da vida.

Para além da ruptura que nos assombra – a militância negra que gostaria que Neusa continuasse o seu trabalho magistral sobre os efeitos do racismo na subjetividade – há uma lição talvez despercebida, que carrega uma força muito grande. A importância de buscar não ceder ao rebaixamento da vida.

Em sua entrevista com Lázaro Ramos, temos um momento em que ela fala também que se deteve em um estudo de uma questão muito marginal, que é a questão da psicose. Realça que também escreveu um livro sobre essa questão: (que também foi recentemente republicado) *A Psicose: um estudo Lacaniano*.

Um ponto que ressaltai em minha dissertação, era como Neusa defendia (em um momento em que isso não era ponto estabelecido no campo) que a Psicose não era deficitária com relação à Neurose. Ou seja, os ditos loucos não são inferiores a nós, ditos normais. E que nós teríamos muito a aprender com eles também, o que ficou bem evidente em seu trabalho clínico e também de transmissão da psicanálise na Casa Verde. De novo, é uma perspectiva afirmativa de uma experiência que é menorizada, inferiorizada.

Não estou com isso dizendo que são experiências equivalentes, a de ser uma pessoa negra e a de ser uma pessoa psicótica. Mas o gesto que Neusa faz ao estudar, trabalhar e pensar estas experiências é o mesmo: apesar de tudo que as inferioriza, buscar as suas possibilidades de afirmações. Assim como ela o faz e defende em sua forma de conduzir a sua carreira – só e bem acompanhada.

Reconhecer a violência racista e genocida, mas entender que ser negra e negro é muito mais do que só sofrer com essa violência. É um processo de construção de uma subjetividade ativa e não submetida a um ideal do ego branco.

Reconhecer a violência manicomial e os sofrimentos inerentes às experiências psicóticas, mas afirmar um cuidado e uma política antimanicomial onde possamos também aprender com essas experiências.

Podemos entender assim que Neusa, apesar dos grandes desafios que enfrentou em sua obra, manteve com muita persistência esta perspectiva, por onde quer que ela tenha passado, pensado e se articulado.

Retomando a lição de sua carta contra o racismo, posso constatar também que escrever sobre Neusa Santos Souza em um livro do Círculo Psicanalítico é uma vitória, é algo a ser celebrado, já que quando comecei a pesquisa não havia possibilidade nenhuma de publicações como essas acontecerem em instituições similares. É uma vitória que o trabalho de Neusa Santos Souza esteja sendo mais valorizado, referenciado e estudado.

Quais são as próximas vitórias e conquistas que iremos construir?

Junho 2025

William Pereira Penna

williampenna@id.uff.br
Minas Gerais - MG - Brasil

Referências

CANOFRE, F. *Grupo que idealizou o Dia da Consciência Negra teve de dar explicações à ditadura*, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/grupo-que-idealizou-o-dia-da-consciencia-negra-teve-de-dar-explicacoes-ditadura/>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

NASCIUTTI, L. F. *Tornar-se Neusa: raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ, 2024.

PENNA, W. P. *Escrevivências das Construções de Identidades Negras: por um fazer aterrado em psicologia*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, 2024.

_____. *Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psi's*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, 2019.

SANTOS, T. S. N. *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2019.

SOUZA, N. S. *A Psicose: um estudo Lacaniano*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

_____. *Contra o racismo: com muito orgulho e amor*. *Correio da Baixada*, 13 mai. 2008.

_____. *Só e bem acompanhada*. *Cadernos de Psicanálise*, ano 8, n. 11, 1990. Entrevista concedida a Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Resende Cardoso.

_____. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

_____. *Trilogia da Mente*. Programa Espelho. Entrevista concedida a Lázaro Ramos e Sandra Almada. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2008. Programa de TV. Transmitido em: 4 ago. 2008.